

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

VIAGEM COM WERNECK, NO PAÍS DA CRÔNICA

EDMÍLSON CAMINHA

Escritor, membro da Academia de Letras do Brasil
edmilson.caminha@gmail.com



Não é fácil escrever sobre nossos grandes cronistas – Rubem Braga, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz, Antônio Maria – e mostrar-se tão bom quanto qualquer um deles, pela qualidade do texto, pelo refinamento do estilo, pela bem-humorada leveza com que trata das pessoas e do mundo. Assim faz Humberto Werneck em *Viagem no país da crônica* (São Paulo: Tinta-China Brasil, 2025), como cicérone de uma prazerosa excursão pelo território do mais brasileiro entre todos os gêneros literários. Verdadeiro censo de autores, de livros, de temas, mais abrangente e mais rico do que se a cargo do melhor dos IBGEs...

Do tempo em que “jornalista que escreve bem” era leonismo, a Werneck não foi bastante o prestígio de consagrado repórter e editor dos mais importantes jornais e revistas: entre 2010 e 2020, escreveu crônicas semanais para *O Estado de S. Paulo*, a que se juntaram outras que também se leem nos livros *O espalhador de passarinhos* (Sabará: Dubolsinho, 2010) e *Sonhos rebobinados* (Porto Alegre: Arquipelago, 2014). Veja-se, como prova da excelência do cronista, “O céu que nos protege”, da primeira coletânea:

Deus está em toda parte – mas pode ser que esteja um pouco mais em Minas. Certamente nas igrejas de Ouro Preto, Diamantina e Mariana, onde até os incréus experimentam, como no verso de Paulo Mendes Campos, uma vontade pesada de ajoelhar. (...) Houve um tempo em que santo ou santa só não entrava no quarto do casal, para não ver o que não deve ser visto – nem mesmo Santa Luzia, que teve os olhos arrancados no martírio. (...) Quem entra nessas casas, quem vê essas paredes recobertas de fé sai desconfiado de que Deus esteja, sim, um pouco mais presente nas profundas de Minas que em qualquer outro ponto de seu reino.

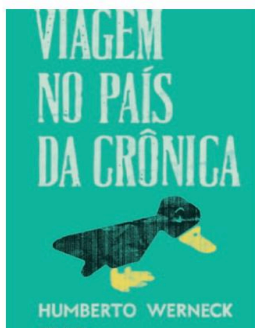
Em “Meu Quixote”, no segundo livro, a homenagem ao Dr. Hugo Werneck – comovente, mas sem o tom meloso com que filhos costumam esquecer as arestas que os distanciavam

dos pais:

Eu estava lá quando a mãe dele morreu, estava naquele quarto, naquela madrugada, mas não a vi morrer – só tinha olhos para meu pai, que no outro lado da cama me pareceu tomado por um descontrole emocional para mim inédito. Bateu em mim uma pena sem tamanho daquele homem, já tão velho, coitado, e agora integralmente órfão. Nos meus 18, era velhíssimo, digno de dó, alguém que tivesse, como meu pai naquele instante, 44 anos de idade. (...) Em nossas longas décadas de convivência, nem sempre nos entendemos, e muitas vezes francamente nos desentendemos. (...) Num percurso bem pouco contraditório, meu pai envelheceu para a esquerda, se me faço entender, pois não falo aqui de política: nos machos, sobretudo, a ferrugem da velhice costuma acentuar a intolerância e o conservadorismo, mas com papai foi diferente. Ele ganhou veludões.

Para o jornalista, crônica é, também, matéria de pesquisa, a que se entregou mais profundamente de 2018 a 2021, quando editor do Portal da Crônica Brasileira, fruto de parceria do Instituto Moreira Salles com a Fundação Casa de Rui Barbosa. Encontram-se, nas duas instituições, arquivos dos melhores cronistas brasileiros, em que Werneck mergulhou com o saber de experiência feito e a determinação criteriosa do bom pesquisador. Dos textos saídos no Portal resultou a *Viagem no país da crônica*, em cujas orelhas anota Guilherme Tauil:

Para falar de crônica, esse gênero maleável de definições imprecisas, Humberto costuma evocar, como sua inspiração máxima, a imagem de um bate-papo no meio-fio – leitor e cronista jogando conversa fora “em clima de deleitosa cumplicidade”. (...) Como um guia experiente que conhece os atalhos, Humberto Werneck vai abrindo caminhos em textos alheios. Nesta excursão de leitura comentada pelas obras de Machado de Assis, Rachel de Queiroz, Paulo Mendes



Campos, José Carlos Oliveira e outros mais, vamos todos nos assentos privilegiados das janelas.

Em “Uma conversa aparentemente fiada”, diz o autor:

Esplendidamente aclimatada nos trópicos, a crônica ganharia, no correr do tempo, século XX adentro, uma cara tão brasileira que muitos chegam a ver nela uma criação nacional. Na verdade, deu-se algo semelhante ao sucedido com o futebol, que aqui veio a ganhar uma “cintura” bem pouco contraditória entre os ingleses que o inventaram. (...) Mas que diabo, afinal, vem a ser a crônica? “Se não é aguda, é crônica...”, esquivou-se o Braga certa vez que alguém lhe perguntou. Tantas décadas depois, definir o gênero segue sendo um desafio. Algo parece claro: jornalismo é que não é, pois não tem compromisso com a objetividade e a impessoalidade, na imprensa obrigatórios. Melhor seria ver a crônica como bem-vinda contramão no jornalismo.

Nos textos de que Werneck faz cuidadosa releitura, dão-se os escritores a liberdade de eleger temas para os quais não há limites, como prova de que tudo cabe na crônica: viagens, carnaval, solidão e sozinhos, sonhos, mulheres, mar, passarinhos, urubus, futebol, amizade, escritores, cinema, cartas, política, música, chatos, bebidas, meses de maio, agosto e dezembro... O exame é minucioso, com lupa de detetive. Sobre ter aparência de inédito o que já se publicara, agora com novo título, troca de palavras, acréscimo ou supressão de trechos, observa o autor:

O recordista em matéria de repeteco crônico é provavelmente Rubem Braga, que em cinco ocasiões serviu ao leitor o mesmo quito, com o cuidado, às vezes, de trocar o título – “Oceano”, “Mar, mormaço, amor” e “Joana e o mar” – e fazer alterações miúdas. A partir da segunda republicação, extirpou uma passagem. (...) Fez mais o cronista: por alguma razão, a Joana de Lorena de “Oceano” ficou sendo apenas Joana, com a vantagem, de liberada ou não, de abranger quan-



tas xarás ela tenha neste mundo.

A propósito: confidenciou-me Fernando Sabino ser Joana o codinome dado por Rubem a luminosa Tônia Carrero, com quem vivera o cronista uma secreta história de amor. Do alto dos seus 90 anos, resolveu a atriz confirmar a relação que sempre negara, com a franqueza corajosa que só o tempo nos dá...

Mais um exemplo da trabalhosa, e certamente cansativa, investigação literária de Werneck:

Outro impenitente mexedor em textos próprios foi Paulo Mendes Campos, que volta e meia recuperou para crônicas mais ambiciosas as notas que durante muitos anos desovou em sua coluna, “Primeiro Plano”, no prestigioso *Diário Carioca*. O que ali era publicado vinha sem título. É assim com “Os dias se alongam...”, crônica que, reaproveitada dois anos depois na revista *Manchete*, lá chegou como “Verão”. Vale a pena ler as duas, nem que seja para saborear a perícia com que o autor despiou um texto já de qualidade. Não se limitou a remediar barbeiragens imputáveis aos revisores da publicação, como, logo na primeira frase, “crepúsculos” ter virado “escrúpulos”. Reconsiderou vacilos da sua lavra, como o adjetivo “sadio” com que qualificara o erotismo dos verões cariocas, trocando-o pelo mais verossímil “forte”.

Sobre a generosidade fraterna de um cronista em socorro do companheiro carente de assunto, lembra Humberto o texto “emprestado” por Fernando Sabino a Rubem Braga, em que se conta a história da sopa servida a preço insignificante em um restaurante popular no centro do Rio. Tempos mais tarde, foi Sabino quem perguntou ao amigo se lhe poderia ceder alguma coisa guardada na gaveta:

Braga mexeu e remexeu em seus papéis – e o que exumou ali? Justamente a crônica da sopa dos pobres. Fernando ensaiou reclamação, mas, sem alternativa, engoliu a requentada sopa, com o trabalho adicional de trocar alguns ingredientes, de

forma a disfarçar o sabor de coisa por demais manjada. Por via das dúvidas, para cortar qualquer possibilidade de mais idas e vindas, enfiou ali a informação de que o maldito caldo ia sumir do cardápio.

O “sabiá da crônica”, apelido que ganhou de Stanislaw Ponte Preta, era imbatível na arte de, em crise de inspiração, valer-se do que não lhe pertencia:

Pela mesma época, Rubem Braga saiu-se ainda mais brilhantemente no dia em que, sem assunto para encher uma coluna, decidiu publicar crônica alheia, de autoria de um amigo, ainda por cima Carlos Drummond de Andrade, estampada, sob pseudônimo, num jornal de Belo Horizonte. O fato de ter sido publicada sem o nome do poeta, que se assinou “Barba Azul”, autorizou Rubem Braga a reproduzi-la sem conflito ético, pois reproduziu também o pseudônimo. A divertida molecagem foi contada pelo Braga em “O crime (de plágio) perfeito”, cuja leitura não deixa dúvida: o cronista brilhava até mesmo quando publicava coisa que não era sua.

Nos 78 textos de Humberto Werneck, preliminarmente publicados na seção “Réis do chão”, do Portal da Crônica Brasileira, há exatamente 757 referências ao que escreveram mestres do gênero, em nossa literatura. Grande contador de histórias, entre elas encontram-se frases que reluzem feito pepitas, como as de Rubem Braga:

Amizade, quando quebra, é como perna de cavalo: não conserta mais. Ultimamente têm passado muitos anos. O pior dos mortos é que nunca telefonam. De um modo ou de outro, com a minha longa experiência, tenho a impressão de que no fim do corrente mês de dezembro o ano passa.

Ou estas, de Otto Lara Resende:

Da discussão nascem os perdigotos. Brasileiro pode ser feio, pobre e doente, mas tem um anjo só para ele. Paisinho duro de roer, o Brasil. Será que melhora quando ficar pronto?

Não há, pois, dinheiro que pague o privilégio de flamar com tão ilustre cicérone pelo país da crônica, “esse patinho feio da literatura”. Só por questão de modestia, não se escalou ele próprio como titular da seleção do que temos de melhor, no gênero. Daqui a muito tempo, quando outro se dispuser a sucedê-lo, Humberto Werneck dará nome à primeira estação do passeio, para que a viagem continue a começar em grande estilo.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos
Diretor de Redação: César Santos
Gerente Administrativa: Ângela Karina
Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_br

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685